Clarice Lispector: epifania ou transfiguração?

Clarice Lispector: epiphany or transfiguration?

José Batista de Lima[1]

Resumo

Ler Clarice Lispector é contaminar-se de Clarice. Esse contaminar-se leva à condenação. Ao nos vitimarmos dela, já podemos divinizar as coisas, principalmente as mais insignificantes. Para essa autora, cada coisa é uma divindade, é um ser. As coisas são. Nessa nossa leitura, abordamos o traslado que ela opera do "estar" para o "ser", da coisa para o ser. Esse fenômeno é clasificado como epifania e por outros como tranfiguração.

Palavras-Chave: **Clarice Lispector, epifania, Divinização, Transfiguração.**

Abstract

Read Clarice Lispector is putting this writer under our skin. This intimate contact may take to a sentence promulgation. Being victms of her thoughts we are directed to perceine that everything is a living thing, a sort of divinity. Things are what they are. In this interpretation of Clarice' reading, we build an approach of what she operates: from being for a white to the very being, from the thing to the being. This phenomenon is classified as Epiphany, called by others as transfiguration.

Keywords: **Clarice Lispector, epiphany, divinization, Transfiguration.**

1 Introdução

O mais difícil numa abordagem sobre qualquer aspecto da obra de Clarice Lispector é o contato inicial. É saber por onde e como começar. Sua obra é uma construção que o leitor margeia à procura de uma fenda por onde se introduzir e se entegrar a uma contaminação, a uma condenação. Como em sua construção não há uma grande fenda onde se possa ingressar incólume, sem se arranhar, procuramos na nossa leitura, pequenos fulcros de aproximação a que chamamos de jogos lingüísticos. São apenas alguns jogos e bem amistosos para auscultarmos o potencial de sua virulência sem que Clarice sinta que está sendo abordada. Não queremos despertar sua fúria, apenas farejarmos a pulsação explosiva do seu silêncio antes de nos vitimarmos.

2

Em Clarice Lispector cada coisa é uma divindade. Cada coisa é um "ser". Não um ser substantivo, apenas habitante do mundo dos seres. É um "ser" verbo divinizante. As coisas não estão, as coisas são, e só o fenômeno da epifania faz o traslado do estar para o ser. Sua poética é a da transfiguração, do acendimento das luzes interiores e adormecidas das coisas. Mas principalmente sua literatura é fundada na poética do remorso, aquele mesmo remorso que fez Deus parar no sétimo dia, não apenas para o descanso mas para remoer o remorso de criar. Criar é um ato erótico mas também é um ato instaurador da morte na criação. Criar é um ato violento. Tânatos é a coroação do ato de criar. Eros e Tânatos são cúmplices e não perdoam o criador, embutindo-lhe o remorso. Clarice como criadora instaura a estética do remorso.

O remorso incrustado em **A via crucis do corpo**, por exemplo, deriva das vicissitudes corporais que não são apenas do personagem, nem da autora, mas são também do leitor. Miss Algrave "tomava banho só uma vez por semana, no Sábado. Para não ver seu corpo nu, não tirava nem as calcinhas nem o sutiã".

[1] O poeta Batista de Lima estudioso de história literatura brasileira, especialmente da literatura cearense. Professor da Universidade de Fortaleza e da Universidade Estadual do Ceará. Presidente da Academia da Língua Portuguesa. E-mail: jbatista@unifor.br

(LISPECTOR, 1998, p. 14) O remorso é tão forte que pode se transformar numa condenação. Daí que os acontecimentos, as precipitações, acontecem na lua cheia, sempre. E o personagem inapelavelmente, termina se prostituindo. Isso sem contar o cheiro de alho que impregna alguns personagens. Há quase sempre uma saída, como ao tépido Jardim Zoológico, no caso do conto "O búfalo". Mas a principal saída é ao Jardim Botânico e se desenvolve através de Ana no conto "Amor" (LISPECTOR, 1988, p. 19) de **Laços de família**.

A Professora Nádia Battella Gotlib classifica Ana como:

> *"Mulher 'abafada' por uma vida familiar, em que não cabe a expansão de suas potencialidades mais individuais e mais profundas, e em que acaba perdendo sua identidade, a qual vislumbra, temporariamente e na sua plenitude, no Jardim Botânico; para depois voltar, com a 'riqueza' desta experiência anterior, à absorvidora rotina da vida doméstica"* (GOTLIB, 1988, p. 54).

Essa temperatura tépida, morna, pesada, abafada, e mórbida, marca os passos de Ana do início ao fim da história. Aliás, é uma história com início, meio e fim, bem linear, na sua estrutura tradicional. O que quebra essa estrutura é o tratamento que é dado à ação e, principalmente, à temperatura do conto. O clímax é um devaneio num local úmido e ao mesmo tempo, quente com o sol da tarde. O Jardim Botânico é o "Vasto mundo" bachelardiano, onde as dimensões todas se aninham e se expandem ao mesmo tempo. Do Jardim Botânico, um vasto mundo se ergue para um vasto espírito que não se preocupa em se lançar na aventura do mergulho no sonho.

Por outro lado, no seu prefácio, para **A Legião Estrangeira**, o Professor Affonso Romano de Sant'Anna começa por afirmar que "a melhor maneira de ler Clarice não é racionalmente" (SANT'ANNA, 1977, p. 4).

Daí se perguntar: será possível se fazer uma crítica racional a partir de uma leitura que não seja racional? Mesmo diante desse impasse, pode-se seguir uma certa linha de interpretação, observando-se que no íntimo dos seres que povoam o conto, ocorre o fenômeno que a crítica nomeia de epifania; e que segundo o prefaciador é:

> *"uma súbita revelação da verdade*" (SANT'ANNA, 1977, p.5);
>
> *ou*
>
> *"o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar a força de uma inusitada revelação"* (SANT'ANNA, 1977, p.5);
>
> *ou ainda*
>
> *"a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam iluminação súbita na consciência dos figurantes..."* (SANT'ANNA, 1977, p. 5).

No conto **Amor**, Ana leva consigo, no bonde, alguns ovos que serão consumidos no jantar familiar que contará com a presença do marido, dos irmãos e suas mulheres, e os filhos dos irmãos. Esses ovos, simples ovos, criam uma significação extra, extrapolam os limites de sua simplicidade e estabelecem um momento epifânico quando a autora trabalha as várias conotações de sua viscosidade. Essa viscosidade começa a temperar o texto antes mesmo que os próprios ovos apareçam. Logo no primeiro período, "um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô", (p. 19) a autora já começa a "deformar" seus objetos, característica do que é viscoso. No segundo parágrafo, os filhos de Ana são "uma coisa... sumarenta" (idem). A viscosidade aí vai tomando corpo, embrionando-se, e cresce com o "calor" que aparece, com o suor na "testa", e, principalmente, com os "chicles" que é mascado pelo cego, até desembocar mesmo nos ovos. Não ovos inteiros, mas quebrados. Os ovos se haviam quebrado, e precisavam ser quebrados para que clara e gema aparecessem viscosamente, gelatinosamente misturadas e impregnantes. Da mesma forma, foi preciso quebrar a rotina, a "casca" da mulher para que ela chegasse a um momento de liberação.

Ora, quando a epifania ocorre, e os ovos se quebram, ela não é voluntária, "gemas amarelas e viscosas pingavam entre fios de rede" (p. 22). Os fios de rede são os cursos da viscosidade que partindo do eixo "ovo quebrado" se irradiam por todo o texto, do princípio ao fim, por toda a vida de Ana (mulher), em todos os seus momentos. "O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede..." (p. 23), como Ana se jogou fora do seu trilho (bonde/sacolejante) ao desviar a sua (dela) rota tradicional indo estacionar-se no Jardim Botânico. O bonde não ultrapassou o sacolejo nos trilhos, mas Ana saiu deles. E a vida pulsou livre entre o "jardim e o Inferno", mas não deixou de ser pegajosa: "as gemas amarelas escorriam" (p. 23). "Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, calado" (p. 26). Os fios de rede continuam impregnados de ovos, em forma de parasitas. Fazer a

rede, de fio em fio, é construir um texto enquanto há vida. É o mesmo que acontece com a ostra, que resume a vida na construção. A ostra que ao quebrar-se mostra o molusco. O molusco, por sua vez, é pegajoso, viscoso como o ovo, como a vida de Ana, como fios de rede, e resume sua vida em construir. Parar de limpar e polir a ostra, no seu interior, é, a morte do molusco, da mesma forma que parar de "limpar" a casa, cuidar dos filhos e do marido será a morte de Ana, molusco na sua casa.

Qual seria, finalmente, a outra verdade que Clarice Lispector, através da epifania, consegue resgatar no seu personagem Ana? É claro, que não seria uma verdade, mas várias verdades, como momentos epifânicos, relativos à mulher comum, e à sua condição no mundo, principalmente no mundo doméstico, de Ana, de onde emerge uma função construtora da casa e da vida, de uma forma inversa, ou seja, de dentro para fora, como seu similar no ovo e na ostra, onde a vida irrompe além da casca. Só que esse irromper da vida em Ana, é a quebra de um sistema, de uma engrenagem que Clarice Lispector consegue desarmar como se estivesse construindo uma estrutura através da sua própria desarrumação.

Essa desarrumação em Clarice, que é um ato violento, consiste em inverter o fluxo da violência. Em vez de sangrar para fora, essa violência sangra para dentro. De dentro para mais dentro, numa verdadeira hemorragia interna em que a estrutura de superfície não é capaz de revelar a guerra que encobre.

É por isso que em Clarice, há um "desdém às palavras enquanto representação". (PÓLVORA, 1978). A autora através do exercício metalingüístico intima as palavras a saírem de seus pedestais e adquirirem significados que não retinham até então. "A opção de Clarice Lispector foi a opção da linguagem, na certeza de que ela é o verdadeiro lugar da existência". (PORTELLA, 1978, p. 11) Na linguagem ela ingressou no seu comportimento mais secreto, no seu silêncio. É nele onde as palavras guardam suas possibilidades, seus sussurros acorrentados. "Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona." (LISPECTOR, 1978, p.31)

A linguagem é o lugar da existência, principalmente em **A hora da estrela**, um exercício de metalinguagem. É na zona silenciosa da linguagem que a autora vai buscar o sentido secreto da palavra. Macabea é uma criação verbal. Cada palavra é um componente corporal de Macá. Existir já é motivo para a felicidade. "Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes". (LISPECTOR, 1978, p. 16) Mas as palavras como vigas para soerguer a nordestina, precisam ser magras, secas.

> *"Tenho a tentação de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação".* (LISPECTOR, 1978, p.19).

Para Lúcia Helena, Clarice Lispector, possui uma "vocação para o abismo". (HELENA, 1999, p. 60) Onde mora o silêncio lispectoriano? No abismo. E a epifania segundo a autora? Assim ela se define: "olhar a coisa na coisa hipnotiza a pessoa que olha o ofuscante objeto olhado". Como, portanto, localizar a zona de silêncio? Ela pode estar no ser abordado, na abordagem em si, no leitor/re/escritor ou no narrador. Onde estiver, no entanto, ela estará operando uma divinização: "Eu sou atrás do pensamento". (LISPECTOR, 1978, p. 70).

Há em Clarice Lispector uma retórica cuja matéria prima é o silêncio, onde o que lhe interessa é o não dito, o sentido que pulsa em cada coisa, mas que não foi ainda auscultado pelo senso comum. É preciso se pensar numa narrativa introspectiva, que deifique o simples, o não notado mas presente.

Outro fenômeno em Clarice é a contaminação. Ela contagia os pequenos seres e ao mesmo tempo se contamina deles. Essa contaminação pode ser fatal para um dos lados. Daí que há um verdadeiro enfrentamento entre os lados em litígio.

João Alfredo Montenegro no seu livro **História e ontologia em A hora da estrela, de Clarice Lispector**, em vez de epifania, prefere transfiguração, quando afirma que Clarice "transfigura as imagens" (2001, p.15) ou "diviniza o mundo (...)" e fisga numa louca intuição, o inexprimível absoluto da vida interior". (2001, p. 16) As explicações pois para a existência da epifania, da transfiguração, da divinização, da deificação, da contaminação e do remorso é que Clarice se apaixona por seus personagens, se apaixona de uma paixão que desemboca numa compaixão, ou seja, ela é solidária com suas criaturas, ela é fraterna. Ela nasce, ama, sofre e morre com seus personagens pois contamina-se perdidamente de cada um quando os cria.

Macabéa é um nome de sete letras, com seu sentido de totalidade, sua abrangência infinita e sua universalidade cabalística. Como na transfiguração que ocorre no monte Tabor, Macabéa imita Cristo, ao iluminar-se, Clarice imita Moisés e suas táboas, o leitor

imita Elias, o monte Tabor é o texto onde se realiza o fenômeno de extraordinária beleza, espetáculo inédito aos olhos dos homens, a transfiguração.

3

Da metalinguagem à epifania, o que Clarice opera é uma rumorosa ressurreição, chegando às vezes a uma deificação do que nos parecia inútil. Em **Laços de família** (1998), Clarice visualiza nas relações familiares, um desastre alado, uma contaminação dos liames afetivos. A matéria prima dessa contaminação é o ódio. Daí que em "O búfalo", a mulher quer primeiramente contaminar o zoológico para aprender com os animais a odiar. Diante da girafa, no entanto, ela fica "sem conseguir encontrar dentro de si o ponto pior de sua doença, o ponto mais doente, o ponto de ódio, ela que fora ao Jardim Zoológico para adoecer" (LISPECTOR, 1998, p.126). Verifica-se assim, que Clarice como um Camelo, mastiga a si própria para melhor se conhecer num verdadeiro artesanato interno, onde se tece a vontade de matar. Esse é o mal-estar de Clarice, seu desassossego, sua sangria por onde o leitor como um peixe em piracema tenta alcançar o grande manancial. Como Clarice sangra para dentro e o movimento do peixe é contrário à correnteza, o choque do leitor com a autora é inevitável. Desse choque, a contaminação também é inevitável, ou seja, ler Clarice é tornar-se Clarice, é derramar-se para dentro, é claricear-se.

Referências

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto.* São Paulo: Ática, 1998.

HELENA, Lúcia. A vocação para o abismo. *Revista Literatura e sociedade,* São Paulo, v. 4, n. 1, p. 11-14, jan./dez. 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira.* São Paulo: Ática, 1977.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *História e ontologia em a hora da estrela de Clarice Lispector.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

PÓLVORA, Hélio. Clarice Lispector e a crítica [Introdução]. In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978. p. 7-9.

PORTELLA, Eduardo. O grito do silêncio [Prefácio]. In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978. p. 6-9.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Clarice: a epifania da escrita (crítica e interpretação). In: LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira.* São Paulo: Ática, 1977.

Data do Aceite: **2003**